

Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital

Anita Lucchesi*

Dizer que a “tecnologia está em toda parte” se tornou lugar-comum. Com muitos problemas, aliás, por ignorar as desigualdades sociais que ainda excluem desse “todo” uma enorme parcela da população global. Mesmo assim, a situação entre os não excluídos é tal que teóricos afirmam que vivemos em uma *sociedade em rede*, uma *sociedade da informação*, mediada pelas novas tecnologias de informação e comunicação (Castells, 2005).

Em busca da crítica do ofício de historiador em dialética com as condições de produção histórica que nos cercam, tenho percebido que as formas de tratamento e elaboração do passado (Guimarães, 2007, p. 39) estão, no tempo presente, perpassadas pela tecnologia – bem mais do que já estiveram antes.

Diante disso, para a feitura deste artigo, tomo a tecnologia como interface que permite aproximar a história oral da história do tempo presente, bem como da história pública (Almeida; Rovai, 2011) e da história digital (Lucchesi, 2014). Partindo do pressuposto de que, no tempo presente, muitos de nós já não realizam mais seu trabalho sem a mediação das tecnologias informáticas, de comunicação e informação, pretendo aqui pensar, qualitativamente, as condições de produção e compartilhamento do conhecimento histórico à luz de algumas mudanças trazidas pelo desenvolvimento tecnológico. Nessa direção,

* Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui graduação e licenciatura plena em História pela mesma universidade (2012). É pesquisadora do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET) e da Rede Brasileira de História Pública.

haveria uma miríade de questões a serem exploradas, mas especificamente para este dossiê – *História oral e história do tempo presente* –, elegi como problema a crescente mediação de testemunhos orais na web.

Para que se compreenda melhor o alcance desse fenômeno, convém indicar alguns exemplos de veiculação de testemunhos orais na internet. A seguir destaco três projetos, diferentes nas motivações e na organização, mas convergentes na proposta de reunião de memórias e publicação na rede.

O primeiro deles é o *Memoro: la banca della memoria*,¹ um projeto internacional, sem fins lucrativos, concebido em 2007 e lançado em junho de 2008 por iniciativa de alguns jovens de Turim (Itália), com o objetivo principal de “salvar” e veicular na rede “histórias de vida” de pessoas nascidas antes de 1950. Vale observar que a justificativa do projeto remete à tradição oral e à contação de histórias no seio familiar, destacando a figura dos anciãos como provedores especiais desses relatos:

Muitos de nós provavelmente se lembram com prazer de si mesmos quando crianças, aninhados sobre as pernas de um *avô*, absortos, atentos para não perder uma palavra das histórias que eram contadas. Essas, com o passar dos anos, eram compreendidas e lembradas como *esperiências de vida verdadeira*, vivida.

Eram contadas para ensinar aquilo que a experiência tinha levado a aprender, para servir de exemplo ou para *manter a memória* das vidas vividas segundos as usanças e os valores de outra época.

(Il progetto, s.d.; tradução livre, grifos no original).²

Endossando certo saudosismo em relação ao tempo em que era possível descobrir “um mundo extremamente fascinante” por meio das histórias contadas pelos mais velhos, o site convida os usuários, com forte apelo aos jovens, a serem “caçadores/pesquisadores de memória” (no site italiano “*cercatori di memoria*”; no inglês, “*memory hunters*”). Desse modo, além dos conteúdos publicados pela própria redação do projeto, existe também uma

1 Disponível em: <<http://www.memoro.org/it>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

2 No original: “*Molti di noi probabilmente ricordano con piacere se stessi da bambini, accoccolati sulle gambe di un nonno, assorti, attenti a non perdere una parola delle storie che ci venivano raccontate. Queste, col passare degli anni, vengono comprese e ricordate come esperienze di vita vera, vissuta. Venivano raccontate per insegnare quello che l'esperienza aveva portato ad imparare, perché fossero di esempio o per mantenere la memoria di vite vissute secondo usanze e valori di un'altra epoca*”.

grande quantidade de testemunhos carregados no site espontaneamente por esses colaboradores.

No *Memoro*, os registros são em formato de áudio ou vídeo e a divulgação na internet é gratuita. Qualquer pessoa pode ser um “caçador de memória” do projeto, basta ter acesso a um gravador, um celular ou uma máquina fotográfica, anuncia a página. Uma vez registrados, os relatos podem ser facilmente carregados no site, na página do usuário, na qual ele se torna uma espécie de curador dos seus próprios “percursos”: é possível criar coleções de testemunhos organizados por temas de livre escolha, além de inserir fotografias complementares; a qualquer momento conteúdos podem ser adicionados, apagados ou modificados, bem ao tom da dinamicidade que caracteriza a Web 2.0.

O *modus operandi* do projeto, que se autodesigna “o banco da memória”, segue a lógica das redes sociais e dos sites de compartilhamento de conteúdo na internet, baseado na facilidade de acesso e “compartilhabilidade” de informações da rede mundial de computadores. Em cinco anos de existência, a iniciativa fez parcerias, conquistou público e se espalhou por diversos países além da Itália: Espanha, Alemanha, França, Reino Unido, Bélgica, Finlândia, Polônia, Japão, Camarões, Estados Unidos, Porto Rico, Venezuela, Chile e Argentina.³ Tomando por base suas estatísticas até junho de 2013, o projeto alcançou globalmente 2.547 testemunhos, totalizando 79 anos, 10 meses, 15 dias, 22 horas e 46 minutos de “memórias transferidas”; só de vídeos on-line contavam-se 630 horas. A visitação ao site à época era de aproximadamente 37,5 visitantes/hora; desde 2008, somaram-se 11.859.246 visualizações de página.⁴

Tais números fazem pensar ao paradoxo discutido por Harald Weinrich em *Lete* (2001): “armazenado, quer dizer, esquecido”, enunciado provocador para pensarmos a sociedade superinformada de nosso tempo presente e os desafios para a memória que o suporte digital suscita. Entretanto, em relação ao *Memoro*, é relevante destacar que as memórias não estão simplesmente armazenadas, mas são organizadas por meio de palavras-chave que podem

3 Entre os parceiros, destaca-se a presença do *Tibet Oral History Project*, uma coletânea de entrevistas com idosos tibetanos exilados após a invasão chinesa, que também divulga seu acervo através do *Memoro* (The Tibet Oral History Project, s.d.). Ademais, vale notar que cada país na rede do *Memoro* tem uma versão própria do website na língua local e, em alguns casos, com parcerias locais, como a empresa Eataly, que exhibe entrevistas sobre os pratos típicos de cada região da Itália (*Le eccellenze italiane*, s.d.).

4 Para mais informações estatísticas, conferir a aba *Infographic* do website do *Memoro* (Infographic, s.d.).

auxiliar na busca e filtragem de conteúdos, o que facilita a navegação pelo enorme banco de dados. É possível, por exemplo, digitando na barra de busca a expressão “25 aprile”, localizar uma série de depoimentos relacionados ao *Giorno* ou *Festa della Liberazione* (Dia ou Festa da Libertação), evento que marca o fim da Segunda Guerra para os italianos, aniversário do fim da ocupação alemã nazista na Itália, festejado desde 25 de abril de 1945. Ou ainda, buscando por “*alluvione*” (enchente), pode-se assistir aos testemunhos daqueles que viveram a grande inundação de 1966, que causou enormes danos a Florença e adjacências.

O *Memoro* ganhou a simpatia do público e menções na imprensa. O alemão *Spiegel Online* resume o trabalho dos fundadores do projeto – Valentina Vaio, Luca Novarino, Lorenzo Fenoglio e Franco Nicola – simplesmente como “filmar as histórias e colocá-las em clipes na web” (Meusers, 2008; tradução livre);⁵ o italiano *La Repubblica* destaca o espaço ocupado pelas pessoas “comuns” na iniciativa:

As recordações, as histórias, os dramas, os sonhos de pessoas que não têm outro título para poder contar sobre si senão aquele de ter vivido, de ter atravessado horas, dias, meses, anos de vida. Vida muitas vezes condicionada pela grande história: aquela que faz as guerras, as batalhas, as doenças, as injustiças. (Veltroni, 2008; tradução livre).⁶

Já o francês *Le Monde* chega a comparar o projeto com uma “Wikipédia de memória”, mas distingue sutilmente memória de história, imputando aos historiadores um importante papel: “É uma sorte de Wikipédia de memórias. Caberá aos historiadores validar os fatos, priorizá-los e interpretá-los” (Ridet, 2009; tradução livre).⁷

5 No original: “*filmen die Geschichten und stellen die Clips ins Web*”. O trecho foi extraído da matéria *Web-Tipp: Die italienische Bank der Erinnerungen* (Web-dica: o banco italiano de memórias).

6 No original: “*Tricordi, le storie, i drammi, i sogni di persone che non hanno altro titolo per raccontare di loro se non quello di aver vissuto, di aver attraversato ore, giorni, mesi, anni della vita. Vita spesso condizionata dalla grande storia: quella che fa le guerre, le battaglie, le malattie, le ingiustizie*”. O trecho foi extraído da matéria *L'Italia sta cancellando la memoria ma combatteremo il pensiero unico* (A Itália está apagando a memória, mas combateremos o pensamento único).

7 No original: “*C'est une sorte de Wikipédia du souvenir. Il appartiendra ensuite aux historiens de valider les faits, de les hiérarchiser et de les interpréter*”. O trecho foi extraído da matéria *La nostalgie en ligne fait recette* (A nostalgia on-line faz sucesso).

Dessa maneira, a experiência do *Memoro* abre diversas “janelas” para que reflitamos sobre o papel das tecnologias no compartilhamento de informações, bem como sobre o potencial desse “banco de memórias” para tornar-se, por meio da metodologia da história oral, um repositório de fontes para a história do tempo presente.

Na mesma direção, outro projeto que gostaria de introduzir é o *Herstories*,⁸ um arquivo on-line de histórias de vida de diversas mães do Sri Lanka que contém relatos filmados, galerias de fotos acompanhadas de pequenos textos, cartas e outros tipos de narrativas, identificadas como *visual story telling* (contação de histórias visual), como a representação gráfica da “árvore da vida”.⁹ Diferentemente do *Memoro*, no caso do *Herstories* houve a pré-seleção de um grupo específico a ser ouvido, de significativa importância para a história do tempo presente no Sri Lanka do pós-guerra civil. A iniciativa é patrocinada pela Commonwealth Foundation¹⁰ e pelo Prince Claus Fund.¹¹

O site do projeto é uma coleção de relatos de mulheres que tiveram suas vidas marcadas pela experiência da guerra civil da jovem república do Sri Lanka, que se estendeu de 1983 a 2009. O conflito armado foi alimentado, principalmente, pela oposição entre o governo e os Tigres da Libertação do Tamil Eelam (ou simplesmente Tigres do Tamil), que encabeçavam uma campanha separatista para a criação de um Estado Tamil no nordeste da ilha.

Entre agosto de 2012 e fevereiro de 2013, o projeto coletou cerca de 270 “histórias orais” (textualmente *oral histories* no website) que não só se referem ao passado das entrevistadas (suas experiências), mas se detêm também no seu *status* presente, e ainda inovam na apresentação de suas esperanças. Essa perspectiva de delinear no seio do projeto um espaço para o “desabafo” das entrevistadas sobre suas expectativas para o futuro difere da proposta do *Memoro* e de diversos trabalhos com testemunhos sobre o passado, pois permite, por meio da identificação dos desejos e anseios dessas mulheres, pensar suas condições como sujeitos hoje, suas carências e suas denunciadas lacunas.

É importante ressaltar a especificidade desse grupo de testemunhas, sobretudo considerando-se que, mesmo após o fim da guerra – que deixou

8 Disponível em: <<http://herstoryarchive.org/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

9 Ver, por exemplo, *Tree of Life Mullaativu* (s.d.).

10 Disponível em: <<http://www.commonwealthfoundation.com/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

11 Disponível em: <<http://www.princeclausfund.org/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

89 mil viúvas e fez de 40 mil mulheres chefes de família –, o patriarcalismo persiste na sociedade do Sri Lanka. Merecem menção, também, as milhares de combatentes que lutaram com os Tigres do Tamil e, especialmente no norte e no leste da ilha, ainda sofrem com a estigmatização, o preconceito, a perseguição e a violação de seus direitos em diversos aspectos.¹²

Ao “sufar” pelo arquivo do *Herstories* encontrei relatos sobre recrutamentos forçados, bombardeios, morte de crianças e adultos, casamentos arranjados, humilhação perante os exércitos, famílias despedaçadas, falta de comida e de roupa, inúmeros deslocamentos forçados, destruição de pequenas riquezas, perda de pessoas queridas, inflações extraordinárias, pessoas enlouquecendo por conta dos horrores da guerra, a luta para continuar a educação das crianças e uma série de outras “histórias delas”.

Todas essas histórias, de alguma maneira, apresentam uma visão sobre o gênero feminino no Sri Lanka contemporâneo, mas vão além, trazendo também aspectos da cultura, da economia e da política no cotidiano dessas pessoas que poderiam ser ignorados por abordagens mais gerais ou quantitativas. No *Herstories* não é o número de mortos, de mulheres desempregadas ou de crianças fora da escola que importa, mas como são contadas as histórias a respeito deles, com espaço para a expressão de sentimentos e emoções, com licença e até certo incentivo para a apresentação de angústias com relação ao amanhã. Uma das funções sociais do projeto, aliás, parece ser adivinhada por uma de suas personagens, quando declara: “Nós podemos escrever um livro sobre as experiências de nossas vidas. Pelo menos nossas futuras gerações devem viver em paz” (Timelines..., s.d.; tradução livre).¹³

Perguntada em entrevista sobre o porquê de o projeto trazer exclusivamente a perspectiva das mulheres do Sri Lanka (sem distinção entre cingalesas e tâmeis), Radhika Hettiarachchi, idealizadora e curadora do arquivo *Herstories*, argumenta que uma das razões para essa escolha reside no fato de a história, quase sempre, trazer o ponto de vista masculino, a visão “deles”. Diante dessa “ausência” dos pontos de vista femininos, o projeto teria decidido ouvir especialmente as mães, por acreditar que a experiência da maternidade e o

12 As informações são do relatório *Living with insecurity: marginalization and sexual violence against women in north and east Sri Lanka*, da organização Minority Rights Group International, que além de dados oficiais, apresenta relatos de mulheres que enfrentam, ainda hoje, as mazelas do pós-guerra no país (Minority women in Sri Lanka..., 2013).

13 Na transcrição em inglês: “We can write a book on our life’s experience. At least our future generation should live in peace”. Trecho retirado da *timeline 1 (Experiences of the war)*, mulher 3, de Kilinochchi.

laço particular que cria com a família e a comunidade ofereceriam nos relatos dessas mulheres uma espécie de “visão composta” de um conjunto de fatores daquela sociedade, que incluiria só as suas experiências pessoais, mas também as relacionadas aos filhos, à família, aos vizinhos, bem como seus sonhos e esperanças para o futuro das crianças (Archiving “Her Stories”..., 2013).¹⁴ Questionada ainda sobre a relevância de arquivar e divulgar tais relatos para um grande público, Hettiarachchi defende que eles mostram a diversidade de experiências dessas diferentes pessoas, cujas subjetividades nem sempre são contempladas em livros de história, mesmo didáticos.

Considero significativa a vocação documental do projeto, que, além de apresentar o conteúdo on-line, informa que os originais serão apresentados aos Arquivos Nacionais do Sri Lanka, com o intuito de que fiquem “para a posteridade”.¹⁵ Além disso, deve-se destacar que o projeto, almejando ampliar sua audiência, também realiza exposições físicas com parte de seu acervo. Em 2013 o *Herstories* passou por Ampara, Colombo e Galle, no Sri Lanka, e em março de 2014 a exposição estreou em solo europeu, na The Strand Gallery, em Londres, onde foi chamada de *art exhibition of oral history*, uma exposição artística de história oral, que apresentava linhas do tempo coletivas e mapas de memória escritos pelas mulheres participantes do projeto, bem como ensaios fotográficos e vídeos curtos.

No Brasil também verificamos a presença na web de um arquivo semelhante em alguns aspectos ao *Memoro* e ao *Herstories*, o *Museu da Pessoa*.¹⁶ Trata-se de um museu virtual e colaborativo basicamente dedicado a histórias de vida que, como os outros dois, organiza-se sobretudo em torno da oralidade, reunindo testemunhos pessoais em formato audiovisual. Há testemunhos de personalidades conhecidas no Brasil (como Laerte Coutinho e Ziraldo), mas também de pessoas “anônimas”. O projeto tem patrocínio das iniciativas privada e pública.

A fundação do museu esteve associada à experiência de sua idealizadora, a historiadora Karen Worcman, em projetos de memória e história oral no período de 1984 a 1990, quando ainda estava na graduação. Baseado na “crença de que cada narrativa é singular e resulta, em grande parte, da

14 A entrevista está disponível em vídeo na matéria publicada pelo site *Groundviews: Journalism for Citizens*.

15 Ver seção *The project* do website (“Herstories” of resilience and hope, s.d.).

16 Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

perspectiva de cada um” (1991-1996, s.d.), o *Museu da Pessoa*, antes de ganhar a internet em 1996, iniciou a montagem de um grande arquivo, constituído de entrevistas gravadas em estúdio e de vídeos captados em cabines móveis. Em 1991, durante a exposição *Memória & migração*, sobre a imigração judaica (Museu da Imagem e do Som, São Paulo), foi experimentada pela primeira vez a cabine de vídeo, um convite para que as pessoas fossem à exposição e contassem suas histórias:

A ideia soava bastante estranha naquele momento. Os jornalistas perguntavam quem iria se interessar pela história de pessoas anônimas... Mas o evento acabou saindo jornal e na TV e, durante os 15 dias da exposição, pessoas faziam fila para vir contar suas histórias! (O Museu da Pessoa, s.d.).

Hoje o acervo alcança 16 mil histórias de vida em 25 mil horas de gravação em vídeo e 72 mil fotos e documentos digitalizados (desenhos, ilustrações, documentos pessoais, mapas etc.). O museu ambiciona disponibilizar tudo na íntegra em seu portal.

O mote inspirador do museu é a ideia de que “todo ser humano, anônimo ou célebre, tem o direito de eternizar e integrar sua história à memória social”. Em uma busca rápida pelo vocábulo “ditadura”, por exemplo, aparecem 15 resultados; “Copa do Mundo”, 11; e “eleições”, dois.¹⁷ Interessante pensar que o fácil acesso a depoimentos sobre “ditadura” ou “eleições”, não seria possível há trinta anos, não apenas pelas limitações técnicas, mas também pela ausência de liberdade que marcou a experiência não democrática no Brasil. Importa notar que a “emergência do tema da memória se deu, no Brasil, [como também no Cone Sul] em compasso com o processo de redemocratização da sociedade brasileira” (Mauad, 2010, p. 142).

O site permite, assim como no caso do *Memoro*, que os próprios usuários criem suas coleções temáticas (análogas aos “percursos” do projeto italiano); as histórias isoladas e as coleções são interligáveis no ciberespaço por meio de hipertexto e indexáveis por palavras-chave: como ocorre no *Memoro*, a escrita digital pode ter vários “andares” ou níveis de informação (Darnton, 1999).

17 A seleção dos termos é completamente arbitrária, apenas lançamos mão de termos de algum modo relacionados ao ano de 2014 no Brasil.

O *Memoro*, porém, é um projeto “*born digital*”, desenhado para funcionar com a base colaborativa dos seus “caçadores de memória”, atribuindo grande valor à agência deles. O *Museu da Pessoa*, mesmo tendo apresentado uma aspiração para o ambiente de redes ainda em sua fase analógica, surge com um perfil sensivelmente mais ativo do que o *Memoro* no processo de formatar as entrevistas. Enquanto o italiano dá aos usuários autonomia para coletarem depoimentos e/ou registrarem os seus próprios relatos (apenas fazendo ressalvas técnicas quanto a equipamentos, ambiente e qualidade de gravação), o *Museu da Pessoa* desenvolveu, em mais de duas décadas de atividades, uma metodologia própria de trabalho. A chamada “tecnologia social da memória” é entendida como um instrumento que pode ser usado em larga escala para captação de *storytelling*, como uma técnica que pode ser “*utilizada* em comunidades, grupos, escolas, empresas e *aplicável* indistintamente a toda e qualquer pessoa ou parte interessada, instituição, nacional ou internacional” (O Museu da Pessoa, s.d.; grifos meus). Em entrevista, Worcman descreve a tecnologia sinteticamente:

Essa tecnologia inclui três etapas essenciais que se complementam: *construir, organizar e socializar histórias*. Começa com cada pessoa contando sua própria história. Essa história se relaciona com outras do seu grupo e compõe uma história coletiva. E esta, por sua vez, faz parte de uma rede mais ampla de histórias dos indivíduos e grupos que compõem a sociedade atual. (Worcman apud Bandeira, 2011; grifo meu).

Pelas descrições dessa “tecnologia social”,¹⁸ podemos perceber que o museu assume um papel bastante significativo na montagem e curadoria de seu arquivo, cujo caráter, justamente por isso distingue-se da espontaneidade que perpassa grande parte dos testemunhos disponibilizados via *Memoro*. O *Museu da Pessoa* criou uma metodologia especial para utilizar em diferentes ambientes e aplicar a qualquer sujeito. Na seção do website denominada *Conte*

18 Para Jacques de Oliveira Pena e José Claiton Mello, uma “tecnologia social” é: “Todo processo, método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil reaplicabilidade e impacto social comprovado” (Pena; Mello apud Museu da Pessoa, 2009, p. 11). Considerando que o projeto adota essa definição objetiva de “tecnologia social”, nota-se que o museu se propõe certa função social (“solucionar um problema”), a partir da sua ação direta para a “construção de um legado social e cultural para gerações e gerações”, como expressa em seu website.

sua história, encontra-se o item *Como contar uma história*, no qual se pode perceber o esforço do museu em direcionar a realização dos registros e, portanto, em *construir e organizar* as histórias por meio de recomendações prévias:

- Uma boa história é bem diferente de um bom relatório. História bem contada tem clima, tensão, ritmo, revelações. Tente não contar o fato de um jeito linear, previsível e sem emoção.
 - Antes de contar a história, confirme se ela tem começo, meio e fim. Geralmente, o começo introduz o assunto; o meio desenvolve a história; e o final apresenta alguma conclusão.
 - Perguntas descritivas e de movimento ajudam a contar uma história, por exemplo: Como era tal lugar? O que você fez depois que saiu de casa?
 - Não esqueça de incluir tags (palavras-chave) relacionadas ao relato. (ex. cartas, infância, namoro à distância, telegramas etc.).
- (Apresentação Conte sua história, s.d.).

O trecho ajuda a identificar o aspecto prescritivo da curadoria exercida pelo *Museu da Pessoa* na captação e publicização dos depoimentos, inclusive com recomendações sobre de que modo a pessoa deve falar, a sugestão de roteiros mentais para a entrevista e exemplos de palavras-chave. Tal conduta, como já se vinha assinalando, difere do modo como se organiza o “banco da memória” italiano, talvez justamente por este último não se entender como um museu. Já com o *Herstories* é possível notar algumas semelhanças, como a preocupação em orientar as falas e sugerir modalidades narrativas, mas no caso desse projeto, os parâmetros foram preparados pensando exclusivamente naquele grupo de entrevistadas. O *Museu da Pessoa*, por sua vez, prevê a utilização sua “tecnologia social da memória” por qualquer pessoa e/ou entidade.

Em certa medida, os três projetos parecem dispostos a enfrentar, de modos distintos, os desafios que Philippe Joutard apontou para a história oral no século XXI: “ouvir a voz dos excluídos e esquecidos; trazer à luz as realidades ‘indescritíveis’, quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir; testemunhar situações de extremo abandono” (Joutard, 2000, p. 33). Para Joutard, trata-se de continuar fazendo o que esse campo da história se propunha a fazer em suas primícias, quando ainda não tinha o reconhecimento que tem hoje nos diversos fóruns acadêmicos. Percebemos esse intento no afã dos projetos em “caçar”, “resgatar”, “salvaguardar”, “compartilhar” e “legar” memórias de “pessoas comuns”. O *Museu da Pessoa*, por exemplo, chega a mencionar

textualmente entre seus resultados que se tornou “referência e fonte inédita de conteúdos sobre *Brasis invisíveis*” (O Museu da Pessoa, s.d.; grifo meu).

É necessário frisar que embora esses projetos colaborem para a formação da consciência histórica de quem acessa as narrativas publicadas, é a *memória* que está em causa nos seus acervos, não o *conhecimento histórico* que pode ser produzido a partir deles. No entanto, deve-se observar o potencial das coleções e percursos temáticos – que ensinam a construção de sentidos e de narrativas históricas, tomando testemunhos orais como matriz – para se aproximarem mais de trabalhos historiográficos que operam com metodologias da história oral e que já podem usufruir do ambiente colaborativo favorecido pela rede. Acredito que por meio de uma abordagem de história oral esses modelos de coleções/percursos podem constituir interessantes possibilidades de divulgação histórica, que se desprendem do tradicional modelo monográfico e dissertativo (impresso, textual, linear) dominante na produção acadêmica.¹⁹

Dito isso, deve-se considerar que apesar do potencial de ampla divulgação dessas memórias na nova esfera pública da internet, a produção de conhecimento não se dá pela simples existência e publicação desses testemunhos, mas por meio de uma necessária prática historiadora a partir desses testemunhos, que os compreenda como evidências para uma história – oral que seja. A peculiaridade da história do tempo presente – em que se inscrevem esses depoimentos –, é que essa prática historiadora, como sugere Ana Maria Mauad, confunde-se com a prática social. Diz a autora:

Isso porque se redefine o estatuto de objetividade científica através da produção de uma autoridade compartilhada entre sujeito e objeto do conhecimento, por dividirem e vivenciarem a mesma condição de sujeitos da

19 O canal no YouTube da rede social brasileira *Café História* iniciou em 2013 um trabalho interessante de divulgação histórica em formato alternativo ao impresso. São realizados bate-papos, entrevistas e debates ao vivo com historiadores sobre diversos temas, dos quais o público pode participar de qualquer lugar do mundo, via internet, assistindo e fazendo perguntas; terminado o evento virtual, o vídeo fica disponível on-line. A título de exemplo, canal organizou com a Associação Nacional de História, seção Rio de Janeiro (ANPUH-RJ), o debate *História digital: ensino, divulgação e pesquisa* (Debate..., 2013) – do qual participaram Bruno Leal (UFRJ; Café História), Lise Sedrez (UFRJ) e Keila Grinberg (Unirio), com mediação de Flávio Edler (Fiocruz; ANPUH-RJ) –, interessante para as questões discutidas neste artigo. O *Café História TV* também publica diversas “colunas”, como *O que é história?*, *Folbetim do historiador* e *Desembalando livros*. Ainda sobre a superação do modelo monográfico como tipo hegemônico de produto historiográfico na era digital, ver Rigney (2010).

experiência histórica. O que de fato se propõe nessa perspectiva de estudo é que a prática historiadora se alie à prática social na produção de um conhecimento compartilhado e reconhecido como válido pelos sujeitos históricos. (Mauad, 2010, p. 143).

O incremento tecnológico deste novo milênio e a popularização da internet criaram mais lugares – no ciberespaço – para a produção de autoridades compartilhadas, e colateralmente vão se abrindo também, ainda que devagar, espaços institucionalizados para isso. Em *Digital History*, Roy Rosenzweig e Daniel Cohen (2005) sugerem que a web com sua flexibilidade, acessibilidade, hipertextualidade e conectividade atualizou a esfera pública e criou espaço para outras dinâmicas no seio da disciplina histórica.

O processo de assimilação, crítica e apropriação dessas novidades demanda tempo, sobretudo porque traz questões que falam diretamente às bases do *métier* do historiador, como a nota, a referência, a citação e as questões de autoria (Chartier, 2009). Ao mesmo tempo, a “virada digital” turva as relações entre autoria e autoridade na rede, e subitamente a academia parece sofrer essas angústias à sombra do diletantismo²⁰ – um conflito intrinsecamente ligado à supremacia do discurso histórico dito *verdadeiro* ou *mais objetivo* produzido nas universidades. Bate à porta o receio de que nos ambientes de publicação digital (Rolland, 2004) se faça história sem a participação de historiadores como mediadores-mor entre o presente e o passado. Mas essa “história sem historiador” deve mesmo ser temida?

Dez anos após Joutard escrever no calor do X Congresso Internacional de História Oral²¹ sobre os desafios do campo para o século XXI, Mauad fez uma importante atualização acerca das aspirações da história oral no tempo presente:

Nesse registro de história, é importante ressaltar, *ninguém dá voz ao aos que não têm voz, não há resgate de memória*, pois o que se produz é um novo tipo de conhecimento que supera o passado. Supera, no sentido de suspender, elevar a lembrança da experiência empírica vivida pelos seus agentes a

20 Vale lembrar, com Marieta de Moraes Ferreira, que o próprio “desprezo” da academia pelos “testemunhos diretos” “transformou esse campo dos estudos históricos [história oral] em monopólio dos historiadores amadores” (Ferreira, 2000, p. 3).

21 O X Congresso Internacional de História Oral foi realizado pela primeira vez na América do Sul em junho de 1998, na cidade do Rio de Janeiro, e representou um momento importantíssimo de diálogo entre a comunidade brasileira e a internacional de história oral (Ferreira; Fernandes; Alberti, 2000).

uma nova forma de relato que a contém, processada e construída à luz de uma problemática de estudo. (Mauad, 2010, p. 144; grifo meu).

Não se trata, portanto, de uma história oral redentora ou salvadora que vem *dar voz* aos outrora *excluídos*, mas de uma perspectiva de estudo que considera as experiências contidas nessas histórias de vida objetos legítimos de análise. Nesse ponto, permanece atual o que apontara Joutard sobre a concorrência entre a “história oral militante, radicalmente alternativa” e a “história oral acadêmica”. Para ele, essa era a “grande divisão ideológica e epistemológica” nos debates de história oral (Joutard, 2000, p. 37); e ainda é, se considerarmos que persiste a fragmentação entre aquela história oral feita do “ponto de vista dos que estão embaixo e dos excluídos” e aquela feita pelos acadêmicos. Perguntava o autor:

Haverá um *diálogo* possível entre empreendimentos diversos e com metodologia variável, ou será o estatuto oral radicalmente diferente? E entre os militantes de uma ‘*história alternativa*’ e os historiadores acadêmicos, que respeitam seus interlocutores, mas buscam um certo distanciamento e a construção de um verdadeiro discurso histórico? Desta diversidade, que às vezes beira a explosão, será possível obtermos uma *oportunidade* e um *enriquecimento recíprocos*? (Joutard, 2000; p. 37; grifos meus).

O que vemos, ao menos na superfície das problemáticas apresentadas pelos projetos aqui comentados, é que a condição de produção e compartilhamento de conhecimento histórico pode ser diferente na web – pelas novas *formas* que possibilita e pelos *sujeitos* que podem participar dessa cena –, o que nos traz alguns desafios. Refletir sobre a memória disponível na internet, sob a perspectiva da história do tempo presente, que pode se valer de conteúdos divulgados na web como fonte, não é uma questão de menor (ou maior) importância que pensar as memórias em suportes materiais já estabelecidos, como o papel ou o microfilme. Entretanto, é necessário avaliar as especificidades dos registros de memória que circulam na web (sua fluidez, impermanência, reprodutibilidade...) e como o meio digital tem facilitado sua profusão.

A história digital e a história pública parecem hoje ocupar o posto de *história alternativa* que coube à história oral por algum tempo; entretanto, elas ainda não gozam de tanto crédito. Embora ainda exista certo hiato entre a prática dita militante da história oral e a acadêmica, cada vez mais a

conjugação da prática historiadora com a prática social vem favorecendo o diálogo e legitimando novas abordagens – as atividades do Laboratório de História Oral da Universidade Federal Fluminense (LABHOI) são exemplo disso.²² Ademais, a perspectiva de análise do tempo presente, que pressupõe a supressão daquela regra do distanciamento entre o fato e o trabalho do historiador, também vem colaborando para que entrem na academia discussões inconventionais, por assim dizer, com perspectivas de estudos e arranjos teórico-metodológicos menos estabelecidos.

O burburinho na antessala da casa de Clio é grande. A abertura para introduzir certas discussões nos fóruns privilegiados ainda é limitada. A tradição, quer seja positivista, quer historicista, zela para que a história continue sendo apenas a ciência dos homens no *passado* e não a dos homens no *tempo*, como queria Marc Bloch. Esta última compreensão não só valorizaria os estudos do tempo presente como perspectiva, mas também incentivaria uma reflexão sobre métodos, objetos, espaços, documentos e linguagens peculiares dessa temporalidade. Hoje, na “era digital” (Cohen; Rosenzweig, 2005) é fundamental pensar a relação entre a história oral, os testemunhos publicados na web, o ciberespaço, as várias mídias digitais e as diferentes formas de representar o passado em ambientes eletrônicos.

A história digital, que pode ser compreendida como o braço histórico das humanidades digitais, pode ser de auxílio nesse sentido. Todavia, vale lembrar que mesmo após a chegada da Web 2.0 a história continua sendo uma ciência baseada em fontes, em um método específico e em debates entre os pares (Clavert; Noiret, 2013, p. 20). Nem as tecnologias, nem a história digital operam uma ruptura radical com estas bases, antes acrescentam nova mobília e ferramentas à oficina da história, mas os fundamentos da disciplina continuam os mesmos.²³

22. Veja-se o projeto digital *Identidades do Rio*, coordenado pela prof.^a Hebe Mattos, que trabalha identidade e memória social no estado do Rio de Janeiro. Os temas históricos pesquisados pelo projeto foram transpostos com êxito para a linguagem digital em seu website e, dessa forma, receberam uma abordagem inovadora. Assim, um projeto que, via de regra, poderia ter seus resultados reservados a um pequeno número de interessados dentro de uma instituição, ganha ares de história pública e digital na esfera aberta da internet. Disponível em: <<http://www.pensario.uff.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

23. É importante não adotarmos um posicionamento cético ou fetichista em relação à tecnologia; nenhum tipo de “neoluddismo” ou de “determinismo tecnológico” contribuiria para a reflexão. Não se trata, como aponta Dilton C. S. Maynard em seu *Escritos sobre história e internet*, de aprovar ou condenar as tecnologias, mas de atentar para as mudanças qualitativas que trazem (Maynard, 2011).

Onde o quadro já suscitou discussões de fundo teórico e metodológico, o potencial da web como elemento transformador dos padrões de comunicação e expressividade humanos tem merecido atenção. Entre as questões mais imediatas discutidas pelos historiadores dedicados ao estudo da história digital está justamente a ampliação da acessibilidade a informações viabilizada pela web. Não se fala apenas na abertura de bibliotecas, arquivos e museus ao grande público; a acessibilidade on-line refere-se também a outros conteúdos, dispersos em sites, blogs, redes sociais, wikis e aplicativos vários que colocam ao alcance dos usuários textos, fotos, músicas, vídeos, mapas e informações de todo tipo. Seja abrigada por instituições de saber oficiais ou não, grande parte dessa informação já é criada no ambiente on-line (*born digital*) por distintos autores, que são os próprios usuários da rede, como vimos no *Memoro*, no *Herstories* e no *Museu da Pessoa*.

Em razão da acessibilidade engendrada pela web, os projetos de história digital têm sido percebidos por alguns estudiosos como uma prática da *história pública* – na acepção americana, uma história aplicada, divulgada por diversas vias e dirigida a grandes audiências. Como afirma o autointitulado humanista digital Shawn Graham: “mídias digitais fazem de toda história, história pública” (Graham, 2012).

“Para historiadores, as vantagens disso são óbvias. O passado ocorreu em mais de um meio. Então por que não estarmos aptos a apresentá-lo em múltiplas dimensões?” (Rosenzweig; Brier, 1994; tradução livre)²⁴ – colocam os historiadores Roy Rosenzweig e Steven Brier. Entretanto, para Serge Noiret, ainda que a história pública já tenha se estabelecido em alguns países – como os Estados Unidos – há pelo menos trinta anos, tendo inclusive estimulado a criação de organizações,²⁵ revistas e cursos de formação em vários outros – como Itália, Inglaterra e Austrália –, essa disciplina ainda é, de certa forma, uma “disciplina fantasma” (Noiret, 2011).

24 No original: “For historians, the advantages of multimedia are obvious. The past occurred in more than one medium, so why not present it in multiple dimensions?”

25 Fora do Brasil, destacam-se o National Council on Public History (nos Estados Unidos) e a recém-formada International Federation for Public History. Para o caso brasileiro, é importante destacar os recentes movimentos que partiram da academia: em janeiro de 2013 foi lançada na internet a página da Rede Brasileira de História Pública (RBHP) – disponível em <www.historiapublica.com> –, cujas bases foram construídas durante o Curso de Introdução à História Pública que ocorreu na Universidade de São Paulo (USP) em fevereiro de 2011, promovido pelo Núcleo de Estudos em História da Cultura Intelectual. O curso também resultou no lançamento do livro *Introdução à história pública* (Almeida; Rovai, 2012).

Robert Perks observa que, há cerca de quatro décadas, a história oral como método e abordagem também enfrentou resistência entre acadêmicos, arquivistas, profissionais de museus e de bibliotecas. O autor associa esse relativo baixo crédito da história oral e das suas fontes na comunidade científica – ao menos inicialmente – ao questionamento que elas impunham a abordagens e documentos tradicionais, geralmente registros em papel provenientes um passado distante (Perks, 2003, p. 55-56). É fácil perceber certo paralelo com a situação da história pública digital hoje em dia, donde possivelmente se explica, em parte, a restrita circulação do tema.

Embora a análise de Perks esteja embasada no processo que ocorreu na Inglaterra, pode ilustrar tendências alhures, mais ou menos compartilhadas. No caso do Brasil a resistência à história oral foi semelhante, e foi preciso, como na Inglaterra, a dedicada atuação de alguns indivíduos e grupos para quebrar a inércia disciplinar (Hartog, 2010, p. 1) e submeter à reflexão o próprio conceito de fonte histórica. Foi necessário repensar as práticas do ofício.

O processo que possibilitou a mudança desse quadro apresenta vários fatores, relativos não só à comunidade acadêmica de pesquisadores e professores universitários, mas também a profissionais de arquivos, bibliotecas e museus. Entre os principais fatores relacionados à ciência da informação, destaca-se a compreensão de que não mais era possível ignorar arquivos audiovisuais se no futuro se quisesse entender a sociedade daquele tempo. Na mesma direção, outro fator de relevo foi a percepção de que ao se considerarem apenas os registros escritos, uma parcela considerável de sujeitos e objetos não eram plenamente contemplados em termos de arquivamento e, logo, de possibilidades de investigação histórica. Assim, nota Perks, trabalhos sobre imigração e sobre diversos grupos étnicos na Inglaterra estiveram entre os primeiros estudos de história oral explorados no país – e permaneceram em voga (Perks, 2003, p. 56-57).

Jill Liddington e Graham Smith buscam na história pública um exemplo de como o presente condiciona a maneira como nós vemos o passado. Segundo os autores, as representações públicas do passado, geralmente midiaticizadas, fazem parte do conjunto de elementos culturais do presente que, de certa forma, emolduram memórias e influenciam a formação de consciência histórica das pessoas. Salgado Guimarães, comentando a problemática contemporânea da memória e dos usos políticos do passado, lembra que – embora por caminhos diferentes de Liddington e Smith – Beatriz Sarlo também ratifica que o passado é, antes de tudo, uma captura do presente (Guimarães, 2011, p. 44).

Liddington e Smith relatam a experiência de um trabalho de história oral sobre a história do voto feminino na Inglaterra, uma pesquisa feita nos anos 1970 com filhas de mulheres sufragistas. A sondagem realizada permitiu perceber que, quase setenta anos depois do movimento, as memórias das entrevistadas sobre a campanha política realizada por suas mães estavam perpassadas por reconstruções mais recentes do movimento, como a série de TV *Shoulder to shoulder* (lançada pela BBC em 1974), que dramatizou a luta pelo direito ao voto das inglesas (Liddington; Smith, 2005, p. 30).

Certamente, representações públicas do passado – seja em livros, filmes, rádio, televisão, seja na internet – não são as únicas a influenciar memórias. É vasto o universo das experiências pessoais e dos elementos culturais que devem ser considerados em investigações de história oral. Entretanto, o que Liddington e Smith sublinham é a relevância de considerar seriamente o papel desempenhado por esses conteúdos de história pública – nem sempre mediados por historiadores de profissão – na moldagem de certa consciência histórica. Na definição de Sara Albieri, essa consciência “designa o modo como os seres humanos interpretam a experiência da evolução temporal de si mesmos e do mundo em que vivem” (Albieri, 2011, p. 25).²⁶

Em nosso ofício, entretanto, não são apenas a nossa trajetória pessoal e o contexto em que estamos inseridos que exercem influência. Há muitas outras questões que perpassam nossas elaborações conceituais e abstrações. Nos limites deste artigo, não enveredarei por essas reflexões, mas chamo a atenção para a existência de fatores que condicionam nosso trabalho em sua dimensão mais prática, meramente *artesanal*. Como Michel de Certeau já disse certa vez, “cada sociedade se pensa ‘historicamente’ com os instrumentos que lhe são próprios” (Certeau, 1988, p. 28). Ao delinear dessa forma a operação histórica e seus instrumentos, Certeau abre uma janela importante para nossa reflexão. Quando consideramos os constructos intelectuais, os esquemas de pensamento, a consciência histórica, as chaves de leitura – e toda a carga subjetiva que contêm – que colaboram na interpretação de determinado passado, estamos falando de *instrumentos*. Mas, ao mesmo tempo, quando nos referimos à pena, à caneta, à máquina de escrever ou ao computador também estamos apontando instrumentos, embora sejam de outra

26 Para a Albieri, o recurso à noção de consciência histórica é o que “permite fundamentar filosoficamente a passagem da história acadêmica para a história pública”, por reconhecer na condição humana o pressuposto histórico (Albieri, 2011, p. 27).

natureza. Se pensarmos nos vários instrumentos que perpassam o lado prático do nosso fazer historiográfico ao longo do tempo – considerando tarefas como arquivamento, catalogação, escritura, reprodução, divulgação –, percebemos como o tipo de trabalho que produzimos está atrelados às técnicas e tecnologias de um tempo.

É notável, assim, que o desenvolvimento das ciências e o avanço tecnológico trouxeram desdobramentos interessantes para a história no último século. O diálogo com outras disciplinas e os debates metadisciplinares sobre as possibilidades de escrita da história aumentaram, ao menos potencialmente, o leque de fontes à nossa disposição. Hoje, graças à evolução da tecnologia e à reflexão sobre a própria operação histórica, a voz, que já foi instrumento dos *aedos* se tornou também uma fonte para a história.

Vale destacar, nesse sentido, que além das reflexões teóricas e metodológicas que possibilitaram a emergência da história oral, a oportunidade de criar registros não escritos e trabalhar com eles é fruto do desenvolvimento técnico e científico que permitiu a invenção do gravador (bem como das mídias, dos leitores, dos reprodutores e depois de diversos tipos de filmadoras). É bem verdade que podemos pensar em pesquisas que abordem a oralidade e não careçam dessa tecnologia (aliás, os antropólogos já nos contaram um bocado a respeito disso), mas o que de fato tornou possível documentar um depoimento oral – que não pode ser simplesmente tomado como equivalente de sua transcrição²⁷ – foi o gravador e depois a filmadora (Schmidt, 2010, p. 9).

Hoje, com os gravadores de bolso e a facilidade de acesso e divulgação aberta pela web, os registros em áudio e vídeo se popularizaram (sempre considerando, *grosso modo*, a população não excluída digitalmente, dotada de algum letramento para esse novo meio), algo que o *Memoro* compreendeu muito bem. E, sendo a rede mundial de computadores também considerada “des-hierarquizante” – dado que nas comunidades virtuais não haveria, ao menos idealmente, hierarquia –, multiplicam-se os testemunhos de sujeitos e grupos que passam a usar a web como espaço livre para elaborar um discurso sobre si, para reinterpretar suas memórias e ter domínio de suas próprias narrativas midiaticizadas. Esse processo muitas vezes passa pela incorporação das memórias em contextos de luta social, como no caso dos indígenas, dos

27 A simples transcrição não dá conta de toda a expressividade contida em um depoimento; não pode fazer, por exemplo, da emoção que toma conta das falas mais que “registros secos como ‘choro’ ou ‘aparentando nervosismo’” (Schmidt, 2010, p. 9).

negros e das mulheres, que em sociedades racistas e patriarcais como a brasileira sofrem com as desigualdades e discriminações decorrentes desses arraigados preconceitos.

Podemos considerar que a tecnologia é um dos fatores da contemporaneidade a provocar o retorno da testemunha de que nos fala François Hartog (2011, p. 221). A profusão de memórias na rede, porém, pode se revelar um tanto quanto desconcertante para o historiador, afeito ao trabalho de gabinete, habituado a ter de ir buscar a matriz de seus trabalhos em arquivos. Como nota Ricardo Pimenta, esse quadro é inédito:

‘Memória’ e ‘tecnologia’ se encontram, portanto, nas formas, nos lugares e através das ferramentas utilizadas na contemporaneidade de maneira jamais vista. Basta constatar o fenômeno da museificação das falas, das artes e das experiências que, apesar dos contornos históricos que lhes outorgam ‘coordenadas’ espaçotemporais, são auxiliadas pela miríade de ferramentas tecnológicas próprias de nossa cultura informacional global que nos possibilita cotidianamente responder a número crescente de dúvidas e questões pela capacidade de mediação entre indivíduos e seus grupos em escala mundial. (Pimenta, 2013, p. 152-153).

É importante notar que a ampliação das possibilidades de registro – com formatos que extrapolam o texto, como o fotográfico e audiovisual – bem como a disponibilização desses registros para o grande público sem a mediação do historiador, causa certo estranhamento para uma “ciência de vestígios escritos” – tal como a história se constituiu, seguindo a esteira de Langlois e Seignobos (Hartog, 2011, p. 222). Embora nos anos 1970 a história oral tenha sido acusada de “bisbilhotices” (Hartog, 2011, p. 225), uma sensibilização maior justamente entre os historiadores “do contemporâneo” reconduziu ao protagonismo da cena histórica as testemunhas, às quais a “história profissional” estendeu “de bom grado seus microfones” (Hartog, 2011, p. 226). Tal processo gerou, segundo Hartog, uma interpretação que confunde história contemporânea e história do tempo presente com uma “história com testemunhas”. Nesse contexto, o problema que parece se desenhair é o do excesso de memórias circulando na rede, sem intermediários:

E o historiador fala, então, menos de memória e de história da memória, mas sobretudo de história, ou seja, de arquivos de textos escritos, de críticas

das fontes e do ofício do historiador. Seu pesadelo seria, talvez, o de uma memória, ao mesmo tempo, mercadoria e sacralizada, escapando aos historiadores e circulando na internet, como a verdadeira história da época. (Hartog, 2011, p. 226).

Ocorre que, apesar do paradigma do vestígio que marcou a historiografia do século passado, a ascendência da testemunha traz o imperativo de reflexão sobre o fenômeno da voz, ou sobre o próprio testemunho como “estrutura de transição” entre a memória e a história, como diz Hartog, lembrando Paul Ricoeur (Hartog, 2011, p. 227) – nesse processo, pois, deve ser considerado o problema particular da evidência na escrita contemporânea da história. Com isso em mente, mesmo não atribuindo às testemunhas a condição de vítimas, como faz Hartog,²⁸ podemos nos questionar sobre a exigência ética e política da história trabalhar com esses testemunhos cada vez mais orientada pela categoria do presente e por uma função/prática social, como vimos acima (Ferreira, 2012, p. 101). Parece que a história pública digital tem enfrentado problemas bastante similares aos postos pelas mudanças tecnológicas para a história oral e para o tempo presente, especialmente no tocante ao enfrentamento da abundância de memórias na rede e à disputa por audiência com versões da história “cosmetizadas”, “romantizadas”, por assim dizer, para agradar seus consumidores – vejam-se as narrativas históricas jornalísticas que se tornaram best-sellers na última década (Bonaldo, 2010). Um maior diálogo entre os praticantes desses registros historiográficos tópicos do tempo presente – o oral, o público e o digital – seria seguramente profícuo para discutir as estratégias e as razões pelas quais enfrentar esses problemas.

A história oral se aproxima da história do tempo presente tanto pelos instrumentos, como pelos possíveis objetos de estudo. Como já apontara Mauad, “a história da produção da memória social por diferentes agentes históricos” é atrelada às “dinâmicas temporais que definem a tessitura histórica do tempo presente” (Mauad, 2010, p. 142).

A história oral (pela inclusão de novas fontes), a história do tempo presente (pela abolição do “precioso” distanciamento), a história digital (pela sua radical proposição de novas formas de comunicação histórica) e, por fim, a história pública (por sua diversificação de audiência e possibilidade

28 Cf. Hartog (2011, p. 227).

de engajamento em políticas públicas) questionam as regras estabelecidas na historiografia há longo tempo, e, talvez por isso, enfrentam resistências enquanto metodologias, perspectivas, modos de escrita e de divulgação histórica. Essas histórias e os seus diferentes registros, mediados pela tecnologia, implicam uma ampliação das áreas de atuação dos historiadores e trazem para o debate discussões acerca do compartilhamento de autoridade:

Ao menos potencialmente, mídias digitais transformam a tradicional relação de mão única entre leitor e escritor, produtor e consumidor. Historiadores públicos, em particular, têm buscado formas de ‘compartilhar autoridade’ com seu público; a web oferece um meio ideal para esse compartilhamento e colaboração. (Cohen; Rosenzweig, 2005; tradução livre).²⁹

Por tudo isso, foram trazidos para este artigo os exemplos das três iniciativas citadas – *Memoro*, *Herstories* e *Museu da Pessoa* –, considerando-se especialmente seu valor heurístico para pensar as maneiras de enfrentar a problemática dos espaços e das formas legítimas de representação no tempo presente – logo, as perspectivas de estudo possíveis.

Com isso, chego ao ponto de inflexão deste artigo, em que me interessa destacar as vantagens da junção da metodologia da história oral às práticas de escrita da história digital, com sua hipertextualidade e sua caixa de ferramentas para processamento, mineração e visualização de dados de formas que analogicamente seriam inviáveis. Essa conjugação pode trazer novas possibilidades de divulgação histórica, de ensino e pesquisa, inclusive em formatos e canais com apelo ao grande público. Fundamentalmente, quero chamar a atenção para a possibilidade de, articulando a metodologia da história oral aos novos procedimentos de escrita da história digital, criarmos produtos de história pública capazes de chegar a grandes audiências – por seu caráter interativo, *webfriendly* e potencialmente lúdico – sem, entretanto, igualarem-se às questionáveis narrativas jornalísticas.

Por fim, tendo em vista a emergência dos testemunhos veiculados na web, como nas experiências do *Memoro*, do *Herstories* e do *Museu da Pessoa*, considero que a metodologia da história oral e a abordagem do tempo presente

29 No original: “At least potentially, digital media transform the traditional, one-way reader/writer, producer/consumer relationship. Public historians, in particular, have long sought for ways to ‘share authority’ with their audiences; the web offers an ideal medium for that sharing and collaboration”.

podem compor um interessante instrumento de análise para as tensões entre memória e consciência histórica que se apresentam no espaço público da internet atualmente – seja pelo *approach* do tempo presente aos usos e abusos que se fazem do passado neste momento de superpublicação de memórias na rede, seja pelo consistente aporte que a história oral pode prestar à interpretação desses registros. Por ambos os lados, esse arranjo pode contribuir para um posicionamento ativo e crítico, orientado para a ação, com todas as implicações políticas, éticas e estéticas que isso pode ter, considerando-se a peculiaridade das fontes e a sua inscrição em um novo ambiente (eletrônico/digital), com suas diferentes dinâmicas e linguagens. Desse modo, por compartilhar de pressupostos da história digital e da história pública, especialmente por sua concepção mais holística de fonte e texto histórico, o aparato formado pela conjugação da metodologia da história oral com a perspectiva analítica do tempo presente contribui para o *enriquecimento recíproco* de que falava Joutard, daqueles que estão dentro e daqueles que estão fora da academia.

Imagino, por exemplo, as potencialidades de um projeto de história pública digital que utilizasse os acervos que comentei aqui como fonte primária, construindo uma narrativa videográfica com base neles – que poderia, por sua vez, estar interligada a diversos conteúdos da web, passíveis de interação com o público; pode-se imaginar o quão interessante seria o apelo pedagógico de um trabalho nesse formato, gratuito, facilmente reproduzível, engajado com a comunidade, frente aos clássicos modelos da tradição impressa.. Quantos temas do tempo presente poderiam ser investigados e quantos desdobramentos um projeto desses poderia ter (artigos digitais, conteúdos colaborativos, exibições on-line, *handbooks*, materiais didáticos digitais)! Enfim, trata-se também de repensar a historiografia além do texto escrito e, sobretudo, de:

[...] estarmos atentos para o fato de que mais lembranças, como partes das demandas de nossa contemporaneidade, não implicam necessariamente mais conhecimento do passado e muito menos uma compreensão crítica das experiências pretéritas. (Guimarães apud Pereira, 2011, p. 64).

Concordo com Helena Miranda Mollo (2011) quando afirma que o momento é de avaliação, para que se compreenda uma nova forma de estar no mundo. Mollo lembra que para Hannah Arendt, a descoberta da América, a Reforma e a invenção do telescópio foram eventos emblemáticos para uma

nova forma de vivência, atrelada a uma diversa compreensão da temporização histórica. Esse tipo de fratura do tempo não é uma exclusividade moderna: no presente, as mudanças continuam, e trazem consigo questionamentos para o fazer do historiador. São inauguradas por distintos eventos e invenções, como as que permitiram o advento da globalização e da internet. Nos estudos que desenvolveu sobre regimes de historicidade, François Hartog assinala uma profunda alteração na percepção das sociedades contemporâneas sobre a passagem do tempo. Trata-se, na verdade, de um conjunto de mutações que, para Salgado Guimarães, “deixam-se perceber não apenas por uma experiência acelerada do tempo, potencializada pela *cultura eletrônica* que invadiu nosso cotidiano, como também por uma resignificação de *formas narrativas* demandadas socialmente” (Guimarães, 2011, p. 41; grifos meus).

No que diz respeito à história – ainda que esteja destronada do seu posto de “mestra da vida” –, essa demanda social por outras formas narrativas pode estar atrelada ao que Hans Ulrich Gumbrecht chamou de “dependência do passado” (2011), que nos atravessaria independentemente de paradigmas históricos.³⁰ Percebe-se hoje, do ponto de vista desse autor, um “tipo revigorado de fascínio pelo passado que parece exigir formas de imersão na história” (Gumbrecht, 2011, p. 41).

Assim, podemos pensar que a história, diante de uma nova forma de estar no mundo no tempo presente (e, por que não, a própria história *do* tempo presente?), parece requerer novas formas de expressão, capazes de transcender o efeito informativo das narrativas tradicionais. É como se as experiências estéticas e sensoriais pudessem vir em seu auxílio para apaziguar tamanho fascínio pelo passado e/ou dar vazão, de alguma forma, à torrente de memórias que se acumulam dia após dia nos mais variados formatos e suportes, em volume inédito.

Os aspectos que a representação do passado pode assumir costumam variar de acordo com a conjuntura histórica: o destaque dado à pintura histórica no século XIX, inclusive como cânone, é um exemplo disso, embora fosse a escrita a forma hegemônica de produzir inteligibilidade para o passado sob os auspícios da ciência histórica com sua premência por objetividade (Guimarães, 2011, p. 45).

30 Para o professor de Stanford, essa dependência ultrapassaria a própria noção de histórico e se alastraria por um sentido corporal (genético, da passagem do tempo), jurídico (vide a jurisprudência), econômico (pensem-se os extratos das contas bancárias) e por aí afora. Ver Gumbrecht (2011, p. 32-33).

Diante disso, numa dimensão teórica e autorreflexiva, a história oral tem muito a contribuir para o experimento de formas de representação que superam o texto, especialmente por constituir-se num registro que pioneiramente ousou recorrer à voz em plena cultura alfabética. Se de fato passamos, na última virada de século, de uma cultura alfabética para uma cultura digital (Ragazzini, 2004), é razoável então que avaliemos os artefatos com que fazemos história hoje, compreendendo-os em sua historicidade. O que podemos fazer com o (novo?) arquivo, a (nova?) fonte e as respectivas possibilidades de “escrita” da história na conjuntura do tempo presente é a questão em aberto.

Desde os tempos de Herculano, em Portugal, e Varnhagen, por aqui, nosso trabalho, como o dos homens de letras, costuma ser solitário, a começar pela ida aos arquivos. Os praticantes da história oral, porém, trabalham menos isolados, vão a campo mais frequentemente e há alguns anos têm construído pontes com outras áreas como a fotografia e o cinema. Como tirar partido dessa aparente heterodoxia da história oral para encarar os acervos digitais hoje? Pragmáticamente, faz-se necessário reconciliar as artes de Clio, e buscar uma solução tangível para o problema imposto por acontecimentos-limite (como o Holocausto perpetrado pelos nazistas na Europa, o *Apartheid* sul-africano ou as ditaduras da América Latina) de desproporção entre experiência e narrativa (Cezar, 2012, p. 40). Se encontrada, ou pelo menos tateada (o importante é o questionamento), essa solução pode trazer novidades inclusive para o ensino da história e para a sua didática no senso mais lato, de formação como experiência que ultrapassa o espaço escolar.

Se aqueles que há mais tempo contornam a primazia da fonte documental textual para a história também se ocuparem de questionar o estatuto literário do discurso historiográfico, talvez possamos, enfim, atualizar o que disse Lucien Febvre há mais de meio século: “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos quando não existem” (Febvre, 1985, p. 249). Vale observar, porém, que a demanda atual por outras formas narrativas não está de modo algum ligada à ausência de documentos (escritos ou não): o historiador que trabalha com o tempo presente “está mais ameaçado pela superabundância do que pela penúria” (Rémond apud Ferreira, 2012, p. 108).

O que está em jogo no tempo presente, parece-me, é encontrar modos de expressão alternativos para a história – quer bebam de fontes textuais, quer não – que possam conviver com a fortuna crítica já experimentada pela narrativa escrita. Trata-se, por um lado, de identificar maneiras de representar

as experiências extremas, já que “intransmissível não significa indizível” (Ricoeur apud Cezar, 2012, p. 47);³¹ por outro, de conseguir atender à demanda social do passado, buscando alternativas de narração que proporcionem uma imersão na história.

Gumbrecht menciona como possibilidade uma abordagem que tente se aproximar do “clima” histórico, a *Stimmung* histórica, uma espécie sofisticada de recurso à cor local literária que pudesse apresentar a atmosfera de um dado momento; numa outra tradução possível, a “vozcidade” do momento histórico, a “vozcidade” de uma cultura (Gumbrecht, 2011, p. 41). Representações mais “envolventes” como essa povoam hoje telenovelas, peças teatrais, filmes e mesmo *video games*. O fenômeno do *historical reenactment* como entretenimento ou estratégia educativa está em voga (Anderson, 2011), mas poucas vezes envolve, de fato, o trabalho de historiadores de profissão em sua concepção.

Desse modo, a aproximação do historiador que trabalha com história oral dos canteiros da história digital e da história pública pode, a meu ver, incentivar a criação de novos experimentos, mobilizando ferramentas e acervos digitais, bem como as linguagens “amigáveis” do ambiente digital, para chegar a outros públicos, informá-los e, em certa medida, tocá-los. As novas tecnologias não introduzem apenas uma mudança de suporte, mas, como busquei mostrar, trazem novas dinâmicas e relações subjetivas que precisam ser investigadas, que sugerem novas práticas, possibilidades e, igualmente, responsabilidades.

Penso que, talvez, para enfrentar os desafios teóricos colocados pela história do tempo presente e pelo próprio tempo presente, como se vinha discutindo acima, seja oportuno refletirmos sobre aquilo que dizia Durval Muniz de Albuquerque Júnior sobre a “reconciliação da historiografia com a voz, com o efeito da voz, com o afeto da voz sobre o corpo”. Desse modo, para o autor:

A historiografia reataria seus laços com a retórica, prestando atenção na e fazendo parte da vozcidade de nosso tempo. Tempo em que orelhas voltam a ter importância para o historiador, tanto quanto os olhos. A historiografia, que pretendeu dar a ver o passado, hoje talvez precise dar-lhe a ouvir. Se é tempo de desencanto, talvez a historiografia precise ser canto, música,

31 Por quanto controversa, a iniciativa da Survivors of the Shoah Visual History Foundation, de Steven Spielberg, é uma ilustração disso. Disponível em: <<http://sfi.usc.edu/>>. Acesso em: 3 ago. 2014.

paisagem sonora, ambiência, clima de ideias. Afetar os homens tanto pelos conceitos, como pelos efeitos estéticos. Ser não apenas *logos*, mas *mythos* e rituais. Não apenas erudição, normatividade e rigor à moda alemã, mas talvez inventividade, criação poética e sonoridade à brasileira. (Albuquerque Júnior, 2011).

Diante de tal escopo é que situo esta conversa na antessala da academia, esperando que o atual “trânsito livre” dos historiadores que trabalham com história oral na casa possa ajudar a formalizar a discussão.

Referências

1991-1996. *Museu da Pessoa*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/entenda/historia/1991-1996>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 19-28.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. [Orelha do livro] In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeí Lopes de (Org.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ANDERSON, Steve F. *Technologies of history: visual media and the eccentricity of the past*. Hanover: Dartmouth College Press, 2011.

ANDRADE, Vera Cabana. Repensando o documento histórico e a sua utilização no ensino. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 231-238.

APRESENTAÇÃO: Conte sua história. *Museu da Pessoa*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/intro-conte-sua-historia>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

ARCHIVING “Her Stories”: in conversation with Radhika Hettiarachchi. *Groundviews: Journalism for Citizens*, 28 abr. 2013. Disponível em: <<http://groundviews.org/2013/04/28/archiving-her-stories-in-conversation-with-radhika-hettiarachchi/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

BANDEIRA, Alexandre. Exclusivo – Entrevista com Karen Worcman. *Jornal Cidadania*, ed. 61, ano 8, jul./ago. 2011. Disponível em: <http://www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania/materia.php?id=8220&/exclusivo_entrevista_com_karen_worcman>. Acesso em: 30 mar. 2014.

BONALDO, Rodrigo Bragio. *Presentismo e presentificação do passado: a narrativa Jornalística da História na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno*. 169 p. Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2010.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques (Org.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

CEZAR, Temístocles. Tempo presente e usos do passado. In: VARELLA, Flavia et al. (Org.). *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 31-50.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CLAVERT, Frédéric; NOIRET, Serge (Org.). *L'histoire contemporaine à l'ère numérique / Contemporary history in the digital age*. Bruxelas, Berna, Berlim, Frankfurt, Nova York, Oxford, Viena: Peter Lang, 2013.

COHEN, Daniel J; ROSENZWEIG, Roy. *Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web*. Fairfax: Center for History and New Media, 2005. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

DARNTON, Robert. A historian of books, lost and found in cyberspace. *Chronicle of Higher Education*, B4, 12 mar. 1999. Disponível em: <<http://www-sul.stanford.edu/siliconbase/darnton.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

DEBATE | História digital | Bruno Leal | Lise Sedrez | Keila Grinberg | Flavio Coelho. *Café História TV*, 26 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T-aRq1c3QiY>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. 2. ed. Trad. Leonardo Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, Flavia et al. (Org.). *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p.101-124.

_____. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio/jun. 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz; CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GRAHAM, Shawn. The Wikiblitz: a Wikipedia editing assignment in a first year undergraduate class. In: DOUGHERTY, Jack; NAWROTZKI, Kristen (Ed.). *Writing history in the digital age*. 2012. Disponível em: <<http://writinghistory.trincoll.edu/crowdsourcing/graham-2012-spring/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeí Lopes de (Org.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 43-58.

_____. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*. In: ABREU, Martha de; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Depois de “aprender com a história”, o que fazer com o passado agora? In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeí Lopes de (Org.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 25-42.

HARTOG, François. El historiador en um mundo presentista. In: DEVOTO, Fernando (Dir.). *Historiadores, ensayistas y gran público: la historiografía argentina 1990-2010*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2010.

_____. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HENRIQUES, Rosali. *Museus virtuais e cibermuseus: a internet e os museus*. *Memória Petrobras*, 2012. Disponível em: <<http://memoria.petrobras.com.br/artigos-e-publicacoes/museus-virtuais-e-cibermuseus#.VAYwWfldXrx>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

“HERSTORIES” of resilience and hope. *Herstories*, [s.d.]. Disponível em: <<http://herstoryarchive.org/about-us/>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

IL PROGETTO. *Memoro: la banca della memoria*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.memoro.org/it/progetto.php>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

INFOGRAPHIC. *Memoro: la banca della memoria*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.memoro.org/infographic.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

JOUTARD, Phillipe. *Desafios à história oral do século XXI*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz; CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 31-46.

LE ECCELLENZE italiane. *Memoro*: la banca della memoria, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.memoro.org/it/eataly/index.php>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

LIDDINGTON, Jill; SMITH, Graham. Crossing cultures: oral history and public history. *Oral History*, v. 33, n.1, p. 28-31, spring 2005. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40179816>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

LUCCHESI, Anita. *Digital history e storiografia digitale*: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). Dissertação (Mestrado em História Comparada) – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

MAUAD, Ana Maria. Fontes de memória e o conceito de escrita videográfica: a propósito da fatura do texto videográfico *Milton Guran em três tempos* (LABHOI, 2010). *História Oral*, v. 13, n. 1, p. 141-151, jan./jun. 2010.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Escritos sobre história e internet*. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2011.

MEUSERS, Richard. Web-tipp: die italienische bank der erinnerungen. *Spiegel Online*, 1º ago. 2008. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/netzwelt/web/web-tipp-die-italienische-bank-der-erinnerungen-a-569359.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

MINORITY women in Sri Lanka facing increasing levels of sexual violence and insecurity. *Minority Rights Group International*, 16 out. 2013. Disponível em: <<http://www.minorityrights.org/12117/press-releases/minority-women-in-sri-lanka-facing-increasing-levels-of-sexual-violence-and-insecurity.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

MOLLO, Helena Miranda. Introdução – Formas e dúvidas sobre como aprender com a história: um balanço. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeí Lopes de (Org.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 11-24.

MUSEU DA PESSOA. *Tecnologia social da memória*: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. [S.l.]: Abravideo; Fundação Banco do Brasil, 2009.

NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeí Lopes de (Org.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

NOIRET, Serge. La public history: una disciplina fantasma? *Memoria e Ricerca*, n. 37, 2011.

O MUSEU da Pessoa. *Museu da Pessoa*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/entenda/o-museu>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

PEREIRA, Mateus. H. F. A história do tempo presente. *Humanidades*, Brasília, v. 58, p. 56-65, 2011.

PERKS, Robert. Into the mainstream: the challenge of oral history in Britain in the 21st century. *História Oral*, v. 6, p.55-68, 2003.

PIMENTA, Ricardo M. O futuro do passado: desafios entre a informação e a memória na sociedade digital. In: ALBAGLI, Sarita (Org.). *Fronteiras da ciência da informação*. Brasília: IBICT, 2013. p. 146-172.

RAGAZZINI, Dario. *La storiografia digitale*. Torino: UTET Libreria, 2004.

RIDET, Philippe. La nostalgie en ligne fait recette. *Le Monde.fr*, 26 out. 2009. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/idees/article/2009/10/26/la-nostalgie-en-ligne-fait-recette-par-philippe-ridet_1258909_3232.html>. Acesso em: 30 mar. 2014.

RIGNEY, Ann. When the monograph is no longer the medium: historical narrative in the online age. *History and Theory*, theme issue 49, p. 100-117, dec. 2010.

ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. *Tempo*, n. 16, p.1-34, 2004.

ROSENZWEIG, Roy; BRIER, Steven. Historians and hypertext: is it more than hype? *AHA Perspectives*, 1994.

SCHMIDT, Benito Bisso. Apresentação. *História Oral*, v. 13, n. 2, p. 9-10, jul./dez. 2010.

THE Tibet Oral History Project. *Memoro: la banca della memoria*, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.memoro.org/it/tibet/>>. Acesso em 30 mar. 2014.

THOMSON, Alistair. *Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz; CPDOC/Fundação Getulio Vargas, 2000. p. 47-66.

TIMELINES: Kilinochchi District. *Herstories*, [s.d.]. Disponível em: <<http://herstoryarchive.org/timelines-kilinochchi/kilinochchi-timeline-1/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

TREE of Life Mullaitivu. *Herstories*, [s.d.]. Disponível em: <<http://herstoryarchive.org/trees-mullaitivu/trees-of-life-mullaitivu-1/>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

VARELLA, Flavia et al. (Org.). *Tempo Presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

VELTRONI, Walter. L'Italia sta cancellando la memoria ma combatteremo il pensiero único. *La Repubblica.it*, 18 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.repubblica.it/2008/08/sezioni/politica/lettera-veltroni-18ago/lettera-veltroni-18ago/lettera-veltroni-18ago.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Resumo: Este artigo explora a relação entre a história oral e a história do tempo presente, em diálogo com os recentes debates em torno da história pública e da história digital. A necessidade dessa reflexão nasce da crescente publicação de testemunhos orais na web e da demanda por crítica que esse fenômeno apresenta à comunidade historiadora. A disponibilização de memórias em rede constitui-se em um problema específico do nosso presente, que diversos autores têm chamado de “era digital” devido ao papel desempenhado pelas tecnologias de informação e comunicação hoje. Interessa ponderar sobre como a abordagem da história do tempo presente e a metodologia da história oral podem compor um instrumento de análise para as tensões entre memória e consciência histórica que se apresentam no espaço público da internet. Por fim, importa observar como o exercício dessa análise pode contribuir para qualificar as discussões atuais sobre a história pública e digital no espaço acadêmico brasileiro.

Palavras-chave: oralidade, tempo presente, história pública, história digital.

Conversations in the anteroom of the academy: the present, the orality and the digital public history

Abstract: This article explores the relationship between the Oral History and the History of the Present in dialogue with recent debates on Public History and Digital History. The need for such reflection comes from the increasing publicity of oral testimonies on the Web and the demand for criticism that this phenomenon presents to the historian community in the Academy. The availability of these memories on the Web is in a specific problem of our present, which by several authors has been called “Digital Age” because of the important role played by the information and communication technologies today. Our interest is to think about how the approach of the History of the Present and the methodology of Oral History can compose an analytical tool for the tensions between memory and historical consciousness present in the public space of the Internet nowadays. And, finally, it is important to note how the exercise of this analysis can help to qualify the current discussions on Public and Digital History in Brazilian Academy.

Keywords: orality, present time, Public History, Digital History.

Recebido em 31/03/2014

Aprovado em 04/08/2014